

## PERSPECTIVAS DA TRANSEXUALIDADE NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: A (IN) CONFORMIDADE DO BINARISMO SOCIAL<sup>1</sup>

Laiza Maria Freitas Almeida,

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Laryssa Batista Mendes de Souza,

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Léo Barbosa Nepomuceno,

Universidade Federal do Ceará (UFC)

### RESUMO

*O presente trabalho aborda a transexualidade no esporte de alto rendimento. Nascido a partir de incômodos vividos pelas autoras com questões de gênero no esporte, o trabalho tem como objetivo problematizar a marginalização social da mulher trans no voleibol, diante de um contexto heteronormativo. Baseando-se em uma revisão de literatura, conclui-se sobre as consequências do binarismo de gênero na inserção da mulher trans no esporte e a necessidade de debater esse tema.*

*PALAVRAS-CHAVE: transexualidade ; esporte ; gênero*

### INTRODUÇÃO

A história do esporte é marcada pela predominância da participação de homens na maioria das modalidades esportivas (FREITAS, PINHAL, 2019). Com isso, observa-se a construção de culturas esportivas machistas, que vem sendo revistas e recriadas com a presença ativa de mulheres cis gênero e por mulheres trans, as quais enfrentam um conjunto importante de desafios e desigualdades sociais.

São diversos os debates no âmbito esportivo sobre a participação de atletas transexuais em competições de alto nível, em especial devido a autorização do Comitê Olímpico Internacional, que visa incluir esse público nas competições desportivas (FREITAS, PINHAL, 2019). Abordando o tema da mudança cultural, Laraia (1986) destaca que “cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos”. No que tange

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

às questões de gênero no esporte, instalam-se conflitos de gênero ligados à luta contra desigualdades.

Nesse ínterim, destaca-se a presença de grupos sociais com cunho de assegurar a liberdade de identidade, regidos por travestis e transexuais, buscando assim diferenciar as construções culturais e o sexo biológico (AGUIAR,2019). Percebe-se o árduo trabalho de transexuais para terem sua presença respeitada, mediante uma construção cultural fundamentada na heteronormatividade, que se trata da repressão de qualquer padrão de orientação sexual destoante da norma. Dessa forma, o presente trabalho se desenvolve a partir do seguinte questionamento: dividir o esporte por sexo e não por gênero, não seria negar e marginalizar a existência de pessoas transexuais nesse ambiente? Para responder a essa pergunta, foi realizada revisão de literatura visando a discussão da temática “gênero e esportes”, com foco específico do debate de casos que envolvam atletas trans no âmbito do esporte profissional.

A participação de pessoas trans no esporte é limitada pela existência de barreiras sociais, como a necessidade de seguir padrões hormonais e a ausência de representação no âmbito político que tenham vivência e lugar de fala para reivindicar seus direitos (NACIMENTO,2020). Nesse sentido, tal fato constitui-se como mais um elemento que dificulta a inserção desse público na sociedade, pois com baixa representação política há pouco avanço na discussão de pautas que corroborem para melhorar a qualidade de vida e defender os interesses de tal grupo.

## SEXUALIDADE, GÊNERO E ESPORTE

De acordo com Aguiar (2019), é necessário definir a diferença entre os termos gênero e sexo, em que o primeiro refere se aos atributos de feminilidade e masculinidade, os quais são adquiridos pela vivência social. O segundo termo está atrelado às características biológicas como o retrato hormonal e o órgão sexual. O silenciamento de estudos sobre gênero e a validação do depoimento de pessoas trans, deixam em aberto para narrativas biologicistas que imperam para a segregação desse público no esporte, além de possibilitar espaço para projetos de leis excludentes e sexistas, assim colocando em risco as possibilidades de trabalho das transexuais no âmbito do campo esportivo profissional (NACIMENTO,2020).

Na conjuntura atual, como destaca Garcia (2021, p.17):

Ainda é muito difícil encontrar pessoas trans nas universidades, no mercado de trabalho, no esporte ou fora da margem na sociedade brasileira, justamente por reunirem um conjunto de marcadores que (re)negam suas cidadanias – existências – e as expulsam de possibilidades de inserção e reconhecimento dignos perante a própria sociedade.

Nesse sentido, Freitas e Pinhal (2019) afirmam que o meio esportivo, abrange fundamentos atrativos de inclusão social, reconhecimento de grupos diversos, mediante a possibilidade de permitir vivências para todos. Dessa forma, o esporte pode apresentar-se como um instrumento pedagógico, a fim de promover inclusão, bem como um meio para reafirmar direitos presente na Constituição Federal (FREITAS, PINHAL, 2019).

#### PERFORMATIVIDADE E RECONHECIMENTO SOCIAL

A influência da heteronormatividade sobre os corpos trans promove um verdadeiro processo de desumanização, como processo de vulnerabilização induzida e produção de objeções. Os reflexos desse processo de marginalização social é a *transfobia* e a falta de acesso a espaços de educação, trabalho e família subsidiando condições de vida sub-humana, em que são negados direitos básicos de cidadania (SILVA, 2019).

Para Garcia (2021), a construção social de uma performatividade identitária é reflexo de um processo de reprodução de desigualdades:

Estranha-me a heteronormatividade: não a orientação, mas a imposição. A ideia de imputar a todas as pessoas as normas heterossexuais como se fossem as únicas legítimas, desprezando todas as outras possibilidades de vivência dos corpos e seus desejos. A heteronorma fabrica e recomenda enunciados que se constituem em um discurso identitário que necessita desqualificar aquilo que lhe escapa. Nestas normas, deve-se ser heterossexual e discriminar o não-heterossexual; sempre vigiá-lo, puni-lo, castigá-lo e silenciá-lo; com isso, não posso concordar. (GARCIA, 2021, pg.16).

Ademais, pode-se dizer que a ausência de representação política também é um fator que pode ser agravante para a perpetuação da transfobia. De acordo com Tessarolo (2019), mesmo com a autorização do COI o projeto de lei nº 346/2019, propõe estabelecer o sexo biológico como único determinador da divisão de gênero no esporte, visando assim impedir a atuação de atletas trans em campeonatos oficiais em São Paulo.

Dessa forma, Nascimento (2020) coloca que essa lei de cunho generalizante, burocrática, respaldada em estruturas biológicas, prejudica a inclusão de pessoas trans no esporte. Caso esse projeto de lei fosse aprovado, por exemplo, a atleta Tiffany Abreu poderia ter ficado sem participar dos jogos em São Paulo junto a sua equipe do SESI vôlei Bauru, negando assim o direito ao exercício profissional.

## HORMONIZAÇÃO NO VOLEIBOL

A terapia hormonal consiste em buscar intervenções medicamentosas que regulem os níveis hormonais, a fim de promover o surgimento de características do gênero desejado, como também atenuar as particularidades do sexo biológico, assim essas alterações aspiram oferecer ao indivíduo qualidade de vida física, mental e emocional (TRINDADE et al,2019).

O discurso de pessoas contrárias a presença de mulheres trans no esporte, partem do pressuposto do maior proveito da testosterona que essas atletas teriam, hormônio esse marcado como emblema de poder masculino (NASCIMENTO,2020). No entanto, no processo de tratamento hormonal, para alçar as características do corpo feminino é usado administração de fármacos que visam controlar e bloquear os níveis de testosterona, junto a utilização de doses de estrógeno (CAUX, 2018).

É imposto às atletas transexuais o controle hormonal, para participação nas competições de alto rendimento, no entanto a estrutura de apoio para esse tratamento é escassa e ineficiente para todos (NASCIMENTO,2020). O Comitê Olímpico Internacional (COI), estabelece as seguintes regras para a participação de mulheres trans em competições;

- Declarar ser do gênero feminino (reconhecimento civil que não pode mudar por no mínimo quatro anos para efeitos esportivos)
- Ter nível de testosterona menos que 10 nano mol/l nos 12 meses anteriores ao primeiro jogo
- Manter o nível de testosterona menor que 10 nano mol/l durante o período elegível para competir

Segundo Joanna Harper, as imposições normativas para a participação de mulheres trans no esporte, são eficientes, dado que seria necessário a diminuição do nível de testosterona para equiparar as condições de jogo com outras mulheres cis (AGUIAR, 2019). Mediante essa perspectiva destaca se a possibilidade de existir a competição entre mulheres cis e trans respeitando a filosofia do *fair play*, do jogo limpo e da boa conduta entre indivíduos durante as competições.

Mediante a análise de pesquisas sobre o nível hormonal e de massa muscular de mulheres transexuais, que seguem os padrões exigidos pelo COI, é perceptível a equiparação ao de mulheres cis, ressaltando que não há vantagem quando os requisitos são acatados (AGUIAR, 2019).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível o impacto negativo da diferenciação binária de gênero, impondo barreiras sociais à inserção de esportistas transexuais no desporto (FREITAS, PINHAL, 2019). Observa-se que concepções limitadas sobre feminilidade permeiam práticas e discursos hegemônicos no âmbito esportivo e acabam por reforçar visões sobre a mulher como “sexo frágil”, como portadora de condições biológicas inferiores.

Consideramos o debate sobre o tema “transexualidade no esporte” fundamental às áreas da Educação Física e Ciências do Esporte visando a desmistificação da temática nos diversos âmbitos sociais que permeiam os esportes de alto rendimento (PRADO E GULLO, 2018). Nesse contexto, evidencia-se a importância da realização de pesquisas que permitam ampliar as possibilidades de compreensão de especificidades da corporeidade trans e da necessidade de contribuir para a construção do esporte como espaço de inclusão social.

### **PERSPECTIVES OF TRANSEXUALITY IN HIGH-PERFORMANCE SPORTS: THE (IN) CONFORMITY OF SOCIAL BINARISM.**

#### ABSTRACT

*The present work deals with transsexuality in high performance sports. Born from the inconveniences experienced by the authors of gender issues in sport, the work aims to problematize the social marginalization of trans women in volleyball, in the face of a heteronormative context. Based on a literature review, we conclude about the consequences of gender binarism in the insertion of trans women in sport and the need to debate this topic.*

**KEYWORDS:** *transsexuality; sport; gender*

## PERSPECTIVAS DE LA TRANSEXUALIDAD EN LOS DEPORTES DE ALTO RENDIMIENTO: LA (IN) CONFORMIDAD DEL BINARISMO SOCIAL

### RESUMEN

*El presente trabajo trata sobre la transexualidad en los deportes de alto rendimiento. Nacido de los inconvenientes vividos por los autores de la problemática de género en el deporte, el trabajo pretende problematizar la marginación social de las mujeres trans en el voleibol, frente a un contexto heteronormativo. A partir de una revisión de la literatura, concluimos sobre las consecuencias del binarismo de género en la inserción de las mujeres trans en el deporte y la necesidad de debatir este tema.*

**PALABRAS CLAVES:** transexualidad; deporte; género

### REFERÊNCIAS

MACHADO, Edinilson Donisete; TURATTI JUNIOR, Marco Antonio. O PAPEL DO ESTADO NA INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSEXUAIS NO ESPORTE À LUZ DA TEORIA DO RECONHECIMENTO SOCIAL. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 22-42, 01 jan. 2018.

GARCIA, Rafael Marques. A PARTICIPAÇÃO E REPERCUSSÃO DE MULHERES TRANSEXUAIS NO VOLEIBOL FEMININO BRASILEIRO: ENTRE (IM)POSSIBILIDADES ESPORTIVAS. 2021. 302 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj), RJ, 2021.

SILVA, Maria Eduarda Aguiar da. A DIVISÃO NO ESPORTE DEVE SER SEPARADA POR SEXO OU GÊNERO. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 236-249, jan. 2019.

Regis Fernando Freitas da Silva, Paula Pinhal de Carlos, TRANSEXUAIS: Reconhecimento social e legitimação de direitos através do Esporte, Universidade La Salle, SEFIC, 2019.

PRADO, Vagner Matias e GULLO, Alessandra Lo A. Nogueira, Transexualidade e esporte: o caso Tiffany Abreu em “jogo”, **Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS**, Revista de Ciências Sociais, 2018.

CAUX, T. R., “O HORMÔNIO TRAZ PRA REALIDADE TODOS OS NOSSOS SONHOS OCULTOS”: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS COM O PROCESSO MEDICAMENTOSO DE HORMONIZAÇÃO, Dissertação, Pós-Graduação em Medicamentos e Assistência Farmacêutica, Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais, grau de Mestre em Medicamentos e Assistência Farmacêutica. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Djenane Ramalho de Oliveira, BH, 2018.

TRINDADE, C. A., et al, Posicionamento Conjunto Medicina Diagnóstica inclusiva: cuidando de pacientes transgênero, 2019.

RÚBIO, K., UMA HISTÓRIA DE MUITAS MULHERES, mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta, KÉPOS, 1º edição São Paulo, 2021.

TASSALORO, G. R., AS CONTROVÉRSIAS DE TRANSGÊNEROS NO ESPORTE, Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Direito do UniCesumar – Centro Universitário de Maringá, título de Bacharel em Direito, orientação do Prof. Me. Ricardo da Silveira e Silva, 2019

NACIMENTO, Rodrigo Henrique Jesus, TRANSEXUALIDADE E ESPORTE: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS MUDIÁTICOS JORNALÍSTICOS, Dissertação (mestrado, Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade), Universidade tecnologia Federal do Paraná, 2020.

ILVA, Maria Raylland Nazário da *et al.* PRECONCEITO NO ESPORTE: CASOS DO VOLEIBOL. **Revista Campo do Saber**, Paraíba, v. 4, n. 1, p. 105-119, jan. 2018.

SILVA, Maria Eduarda Aguiar da. A DIVISÃO NO ESPORTE DEVE SER SEPARADA POR SEXO OU GÊNERO. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 236-249, jan. 2019.

GALVÃO, M. C. B., RICARTE, I. L. M., a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (cc BY 4.0)LOGEION: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, set.2019/fev.2020